OS VIDROS, ESSES DESCONHECIDOS

O MESTRE DOS VIDROS: A VIDA E O OFÍCIO DE ADEMIR SERTORI

Uma história de quase cinco décadas dedicadas ao vidro não é algo que se escuta todo dia. No campus da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), há um nome que se destaca entre os laboratórios e as pesquisas: Ademir Sertori, um hialotécnico que, há 49 anos, vem moldando o vidro e auxiliando no dia a dia de diversos profissionais. Desde a criação da universidade até os dias de hoje, ele participou de muitas histórias e destinos, sempre com o vidro como protagonista.

A hialotecnia é o processo de moldagem do vidro, sendo considerada também uma verdadeira arte na fabricação de vidrarias científicas para laboratórios. Sua origem remonta aos tempos da alquimia, quando os chamados "mestres do fogo" dominavam a habilidade de criar e moldar seus próprios vidros, desenvolvendo materiais cada vez mais resistentes.

O envolvimento com o vidro não foi planejado, mas sim uma oportunidade inesperada para Ademir. Em 1976, surgiu a necessidade de alguém com habilidades técnicas para trabalhar na oficina de vidraria recém inaugurada no Departamento de Engenharia de Materiais, na UFSCar. A oportunidade bateu à porta, e, com apenas 15 anos de idade, ele aceitou o desafio, embarcando em uma carreira que viria a durar quase meio século.



Figura 1: Ademir Sertori usa o torno para auxiliar na manipulação de uma coluna de vidro

A oficina de hialotecnia da UFSCar atende a muitos departamentos e laboratórios, desde os departamentos de Química e Física até Biologia e Engenharia. O trabalho do hialotécnico é essencial para a manutenção das atividades de pesquisa, sendo ele responsável tanto pela confecção de novas peças de vidro quanto pelo reparo de vidrarias danificadas, garantindo que o material esteja sempre pronto para os experimentos realizados. Sua experiência acumulada ao longo dos anos permite uma adaptação precisa às necessidades específicas de cada projeto.

Com o tempo, a profissão de hialotécnico, inicialmente desconhecida para ele, tornou-se sua paixão. O trabalho exigia muito mais do que apenas habilidade manual; o vidro, com suas complexidades, desafiava sua criatividade e o forçava a dominar o material em seu estado mais fluido e frágil.

Desde técnicas tradicionais até o uso de métodos que ele mesmo implantou e aprimorou ao longo dos anos na vidraria, a evolução foi constante. “O trabalho de um hialotécnico não é só técnico, é também artístico. A profissão exige um olhar atento e precisão. Cada peça de vidro é única e tem sua própria sequência de confecção a ser seguida”, afirma Ademir.

A experiência adquirida no manuseio do vidro trouxe mais segurança e habilidade, mas os desafios do trabalho nunca desapareceram. Apesar da rotina muitas vezes envolver atividades repetitivas, novos projetos e peças diferentes continuam surgindo, exigindo adaptações e aprendizados constantes. Com o cuidado necessário, é possível controlar e moldar o material com precisão, mas a atenção redobrada é sempre fundamental para evitar acidentes e garantir a qualidade das peças.

Ser hialotécnico não é uma profissão comum, e isso traz consigo muitas curiosidades e desafios. Um dos maiores, segundo ele, é a paciência. “Você precisa ter muita paciência e cuidado para trabalhar com vidro, porque qualquer movimento errado pode estragar o trabalho de dias.”

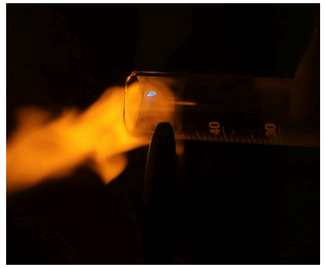


Figura 2: Conserto de uma proveta

Além de suas funções tradicionais, Ademir teve a oportunidade de contribuir com o Núcleo de Divulgação Científica Ouroboros, mais especificamente com o projeto "Sons Vítreos", que faz parte do Departamento de Química da UFSCar, e é apoiado pelo CEPID CeRTEV da Fapesp. Esse grupo, formado majoritariamente por pessoas com deficiência visual, utiliza instrumentos musicais feitos de vidro, criados por ele. A confecção desses instrumentos não só exigiu habilidade técnica, como também sensibilidade para criar peças adequadas às demandas do grupo, reforçando o impacto do seu trabalho além dos laboratórios, estendendo-se para iniciativas de inclusão e arte.

A trajetória do Ademir é um reflexo da união entre ciência, arte e dedicação. Em cada peça moldada, consertada ou criada, ele não apenas sustenta o trabalho de pesquisa dos laboratórios da UFSCar, mas também deixa sua marca em projetos inovadores. Sua experiência e sua habilidade, adquiridas ao longo dos anos, mostram que o vidro pode ser um meio poderoso de inovação e transformação. E assim, seu trabalho continua a inspirar e a impactar tanto cientistas quanto artistas, em um diálogo constante entre conhecimento e criação.